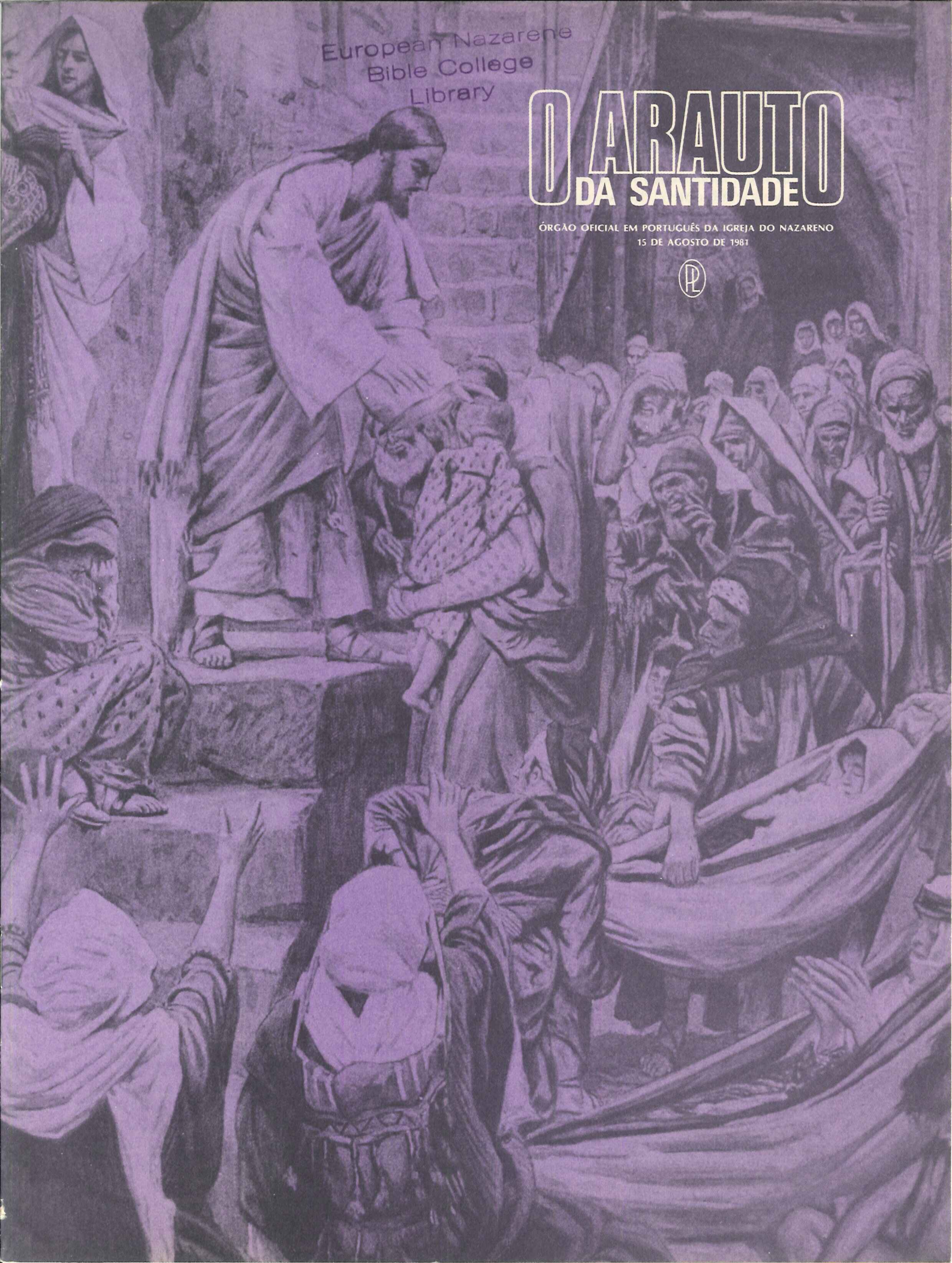


European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO
15 DE AGOSTO DE 1981



o homem mais forte

Todas as gerações de jovens são expostas, cedo ou tarde, ao fascínio que há no conceito do homem mais forte. Ele é tipificado na imagem do atleta de músculos entumecidos: o que suspende pesos exagerados, o que puxa veículos, o que entorta barras de ferro, o que arrebatava cadeias com a força de braços poderosos.

O culto ao forte tem os seus manuais, a sua disciplina, os seus adeptos, os seus concursos e prêmios.

A pessoa fisicamente forte destaca-se da multidão: uma postura atlética, um ar de confiança próprio de quem se sente admirado. Cada país honra tais indivíduos. Nos certames internacionais, destacam-se como bandeiras.

Foi sempre assim. No livro do profeta Daniel, capítulo 3, vemos em relevo indivíduos robustos. Não conhecemos suas medidas, mas impressionamos o título que receberam: *homens mais fortes do exército do rei Nabucodonosor*. Deviam ser figuras espectaculares, considerando que a guerra de então era à base da destreza física em encontros suarentos de corpo a corpo.

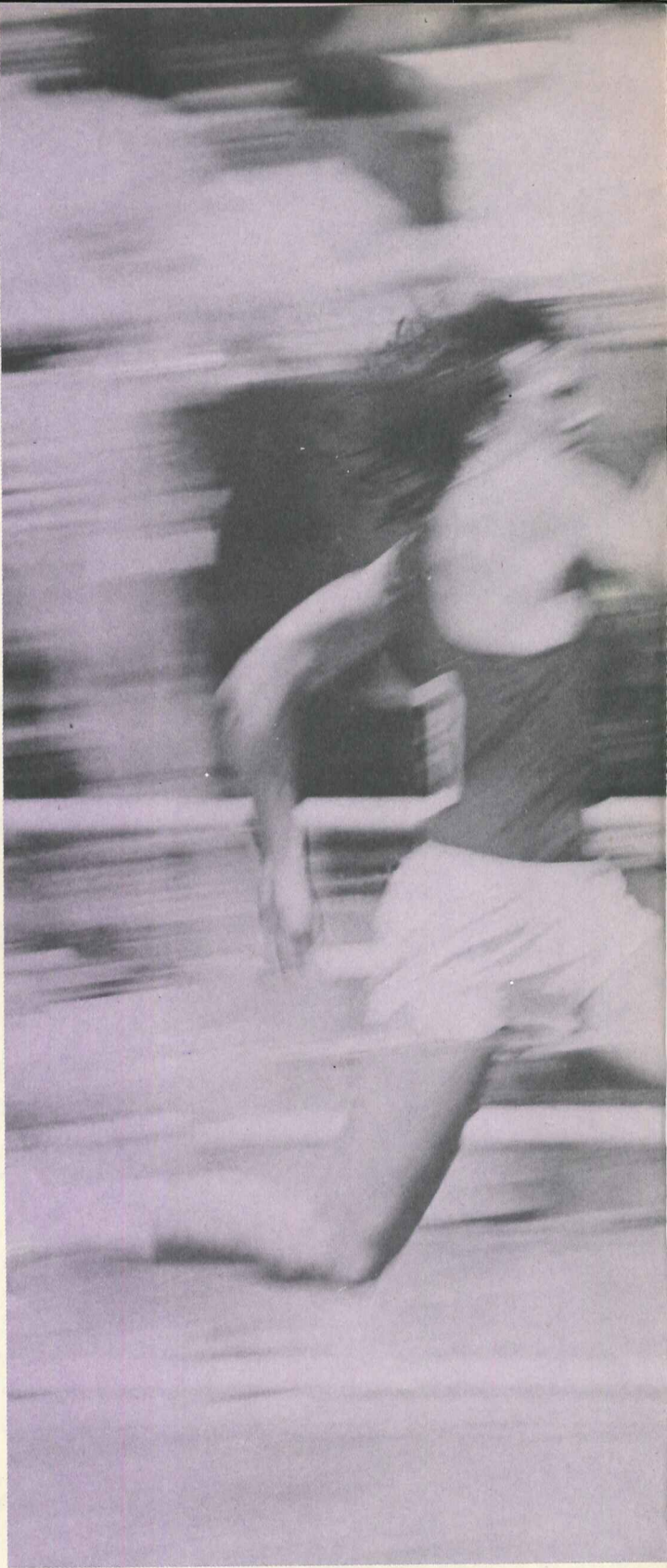
O rei reconhecia aqueles homens. Todos do reino sabiam deles, pois traziam um título de maior destaque naquela terra: "os mais fortes do exército".

Temos hoje a vantagem de olhar para a cena sob perspectiva exacta, sem o sensacionalismo de momento. Vejamos as circunstâncias que ocasionaram a entrada em cena desses super-homens.

Era ocasião de grande solenidade no reino de Nabucodonosor. O maior ídolo do mundo brilhava ao sol da luxuosa Babilónia. O povo fora convocado para a consagração da obra. Por decreto real, grandes e pequenos eram obrigados a ajoelhar-se perante a colossal estátua. Diz-se que ela representava a figura do próprio rei que assim se fazia deus perante o povo.

No grande ajuntamento havia três jovens que bem mereciam a designação de fracos, se nos guiarmos pela bitola social: eram deportados, uma espécie de prisioneiros de guerra; consideravam-nos despojos duma campanha que lhes arrazara o país e o orgulho. Tinham sido forçados a assistir a grande festa pagã. Agora, eram obrigados a sacrificar as suas próprias convicções, a fé, ajoelhando-se ante um deus falso.

Na realidade, porém, estes jovens provaram-se os homens fortes da hora. Quando soaram os instrumentos de música forçando-os à apostasia, reagiram, mesmo perante o rei: manteve-



ram-se firmes na sua coragem moral, graças aos músculos colossais da fé. Nenhum deles se ajoelhou.

Deu-se, então, o erro. Para os punir, Nabucodonosor mandou buscar os que ele chamava "os homens mais fortes".

Cedo, porém, segundo diz a Bíblia, o calor do

RESPONSABILIDADE E AUTORIDADE

—Jerald D. Johnson
Superintendente Geral



Existe uma regra básica a ser aplicada em qualquer situação administrativa com êxito: Deve-se delegar responsabilidade. Já no Velho Testamento, o sogro de Moisés recomendou este procedimento. A delegação de responsabilidade deve incluir autoridade. Parece surgir certo risco em delegar autoridade; mas, se se deseja bom andamento na organização, ambos os princípios devem seguir de mãos dadas.

A relutância dum administrador em delegar autoridade não só reflecte a sua insegurança, talvez por falta de conhecimento ou outra insuficiência mas também desmoraliza todo o organismo. Interrupções de serviço, ineficácia, crescimento raquítico, constituirão o resultado final.

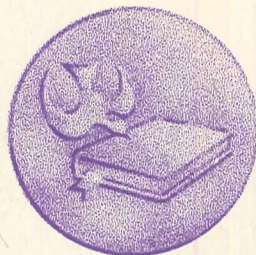
Há sete anos a nossa Igreja contava com 25 superintendentes nacionais nos distritos de Missão Mundial. Quatro anos mais tarde havia 54. Hoje ultrapassam a casa dos 60. Como organização é um grande passo para a Igreja. A delegação de responsabilidade que isto pressupõe, acompanha a da autoridade conferida aos líderes. Os missionários aceitaram esta ideia. A nossa Igreja teve a oportunidade de os ver na Assembleia Geral em Kansas City. Vieram como delegados dos seus respectivos distritos e países. A autoridade e a responsabilidade que o *Manual* outorga a tais obreiros, aplica-se a qualquer superintendente distrital à volta do mundo.

Toda a Igreja beneficiou com este passo de crescimento e de maturidade dos distritos de Missão Mundial. Os superintendentes de distrito com seus diferentes pontos de vista, representando uma variedade de países e de culturas, e com sua profunda percepção espiritual, estão injectando vitalidade à igreja. Eles proporcionam força e coesão global à nossa denominação, pelas quais estamos gratos. □

Foto por H. Armstrong Roberts

forno destinado aos jovens rebeldes matou aqueles que a nação intitulava de fortes. Olhando para a cena, deste ponto de vista, compreendemos o significado da lição: a força não se apoia em músculos retesados, mas em convicções firmes.

—Jorge de Barros



O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X

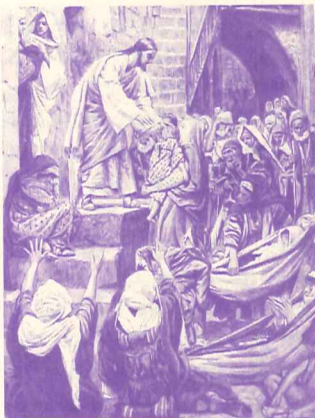
15 de Agosto de 1981

Número 16

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-370) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto por Paul M. Schrock



"E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto (Romanos 8:28).

Ouvi pela primeira vez esta citação aos nove anos de idade. A minha família acabava de receber a má notícia de que meu irmão morreria de poliomielite. Esta doença tinha-o paralizado por completo. Uma semana antes de ser internado no hospital, exprimi entre lágrimas que não queria ser um inválido. Compreendi o seu pesar, pois tenho no corpo as marcas de tão terrível doença.

Foram anos de angústia para a família, em que meu pai se apartou do caminho do Senhor. No entanto, minha mãe, que era "uma muralha de fé", citava Romanos 8:28 nas horas de angústia.

Eu perguntava-me: Como poderá ela confiar em Deus com tantas coisas desastrosas? No entanto, despertado pelo falecimento do meu irmão, meu pai voltou ao caminho do Senhor. Deus toma as nossas angústias e as transforma em bênçãos!

Mais tarde, também eu compreendi a verdade de Romanos 8:28 com a mesma fé que inspirava minha mãe. Sempre desejei ter a força e a fé que a animavam. Entretanto, nunca me entreguei totalmente a Cristo, embora testificasse da conversão. Como resultado, não experimentei vitória na minha vida.

Mas Deus compadeceu-se de mim na Sua infinita misericórdia e, ao orar no altar por ocasião dum culto especial, compreendi que se não entregasse a minha vida completamente a Cristo nunca teria vitória. Naquele momento senti a maravilhosa graça de Deus a transformar-me. Depois, como segunda obra da graça, o Senhor santificou-me e encheu-me do Seu amor e do Espírito Santo.

Sob a direcção do Espírito Santo, colaborei com o pastor da minha igreja em organizar um estudo bíblico sobre a Epístola aos Romanos. Recebi nova bênção ao examinar 8:28. Reconheci o que minha mãe sentia quando mencionava este versículo.

Deus não é autor das nossas tribulações. Permite apenas que elas venham. Todos nós teremos provas. Mantenhamo-nos firmes nas promessas divinas e seremos benção e inspiração para outros.

Quando fiéis a Deus, Ele faz que tudo contribua para o bem; e nada nos poderá separar do Seu amor. Então diremos com Paulo: "E sabemos que todas as coisas contribuem... para o bem." □

DEUS É COMPASSIVO

—Glenda L. Wilcox

que está a acontecer ?

—H. T. Reza

Eu pensava que tinha passado a década de sessenta em que se testemunhou o ataque à autoridade das universidades e do governo, a falta de respeito de estudantes e cidadãos. Pensava que se tinham votado ao esquecimento de muitos casos tristes de tal época.

Mas vejo que estamos pior do que nunca. Jovens que lutam pela pátria, segundo eles, violam uma lei internacional entrando em embaixadas e apoderando-se de reféns. Deixou, assim, de vigorar que o acto de entrar pela

força num edifício de embaixada de qualquer país é o mesmo que invadi-lo. E os grupos que se apoderaram dos diplomatas asseguram que lutam pela justiça.

O cúmulo deu-se quando alguns cidadãos entraram numa igreja católica para assassinar um monsenhor durante a missa.

Isto recorda a guerra civil da Inglaterra, na Idade Média, quando o arcebispo de Cantuária foi morto entre as grades do templo por um grupo de assaltantes. T. S. Eliot escreveu alguns versos sobre esse drama intitulado: "Assassinato na Catedral". Um jornal de certo país da América Latina pergunta: "Porventura não era a igreja o último refúgio de perseguidos e desamparados, o umbral inviolá-

vel, o lugar sagrado onde as lutas davam lugar à paz espiritual e aos sentimentos elevados?"

Já não há respeito pelas escolas, pelas autoridades, pelas embaixadas, pela igreja.

A verdade é que nem existe respeito por Deus. Isto sobressai com clareza meridiana. O que é pior que a pobreza, que a inflação, que o crime. Disse eu *pior*? Nada é pior e nada é melhor. O coração humano encontra-se viciado. O homem perdeu a cabeça. Terá de se recompor de qualquer forma.

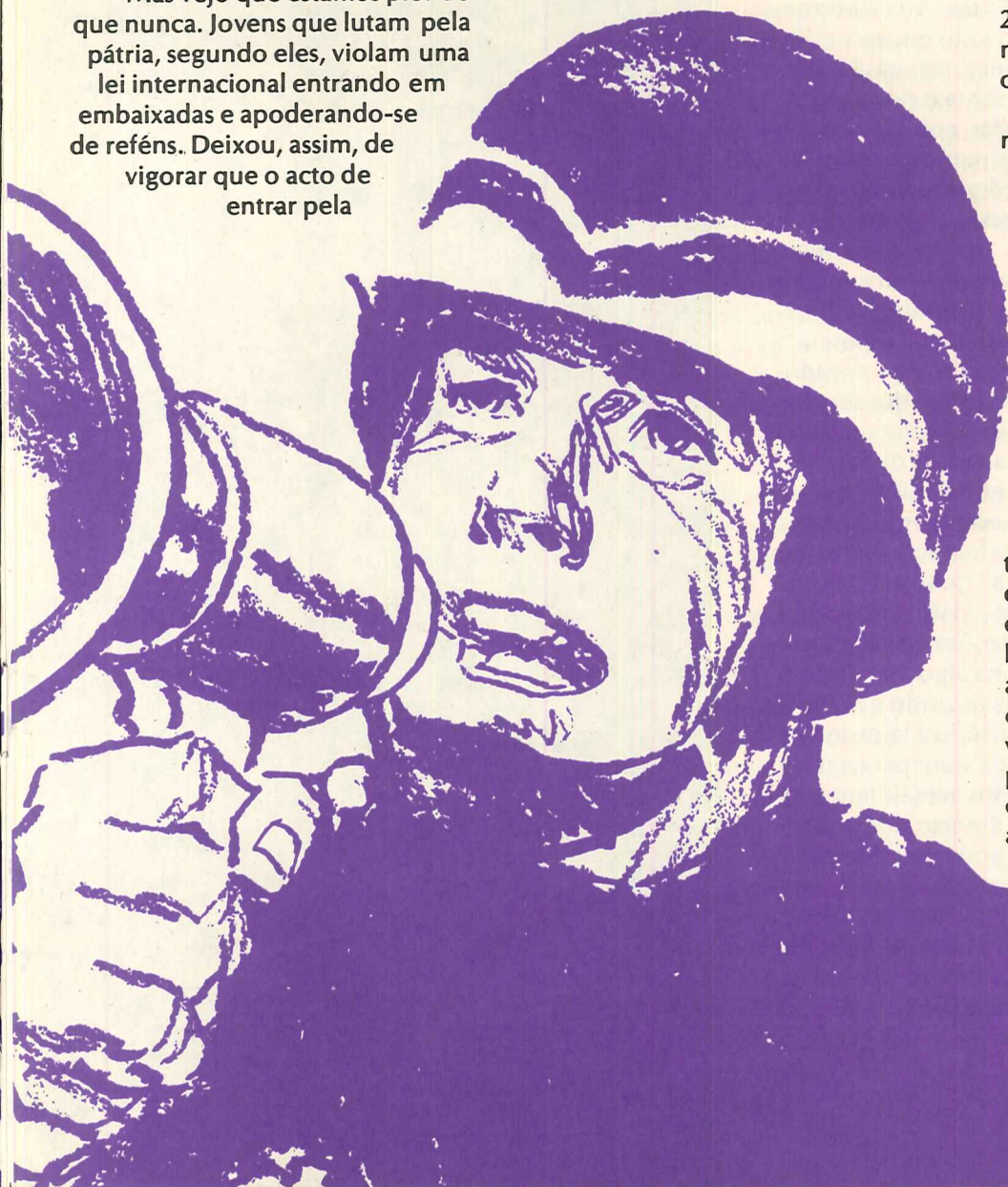
Jó declarou: "Por que se dá luz ao homem, cujo caminho é oculto e a quem Deus o encobriu?" (Jó 3:23). Noutra parte da Bíblia lemos: "Por que se amotinam as gentes, e os povos imaginam coisas vãs?" (Salmo 2:1). Quando aprenderá o homem que a violência não constrói mas destrói?

Há meses assisti a uma manifestação de mulheres motivada pelo assassinio dum sacerdote.

Apesar de acostumado a ler episódios gerreiros, os meus sentimentos se rebelaram contra a luta do homem com o homem.

Vivemos afastados de Deus. Por isso, sofremos. Desvalorizamos as coisas. Colocamos o que nada vale no altar que corresponde a Deus. E desprezamos o que realmente tem valor. Isaías convida-nos à sensatez dizendo: "Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade dos vossos actos de diante dos meus olhos: cessai de fazer mal: aprendei a fazer bem; praticai o que é recto; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas. . . Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã" (Isaías 1:16-18).

□



—C. D. Hansen

a luz da esperança

No deserto de Arizona vivia um ancião, senhor da única fonte de água da área. Todas as noites ele acendia uma lanterna que dependurava à porta da sua cabana para orientar os viajantes. Algumas pessoas pensavam que ele gastava inutilmente o combustível. Apesar disso, noite após noite, a pequena lanterna irradiava luz na escuridão do deserto.

Certa noite de madrugada, em pleno verão, o ancião ouviu um ténue bater à porta da cabana. Ao abrir deparou com um transeunte desfalecido e cheio de sede.

O homem exausto lobrigara o raio de esperança que irradiava daquela lanterna e, reunindo as últimas energias, dirigiu-se à casa do ancião para se dessedentar. Salvou-se a vida dum homem, porque alguém mostrou bastante interesse em acender todas as noites a sua lanterna.

O mundo encontra-se envolto em escuridão espiritual por falta de esperança. Satanás levanta algumas luzes de pecado; apresenta o novo prazer mais atraente que o anterior. Mas, como o pecado nunca satisfaz, a vida do peregrino continua a sua marcha. As decepções sucedem-se, pois aquilo que procura para mitigar a sede constantemente se desvanece.

No entanto, há quase dois mil anos, na cruz que se erguia num outeiro fronteiriço a Jerusalém, Jesus Cristo acendeu a lanterna da esperança para um mundo que geme sob o peso do pecado.

Essa luz espalhou-se ao longo dos séculos alumando o caminho para Deus. Como raio *lâser*, destrói a linguagem enganadora de Satanás.

Cristo declarou: "Aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna" (João 4:14). Jesus oferece gratuitamente a água viva da salvação que dá esperança a corações desfalecidos.

Mas esta passagem menciona algo mais. Não é suficiente que Cristo tenha morrido na cruz e ressuscitado, ou acendido no Calvário a lanterna da esperança. Ele precisa de você e de mim para, como o ancião do deserto, mantermos acesa a lanterna do Evangelho que alumia o deserto do pecado.

Assim, o mundo sedento poderá encontrar o manancial de água viva.

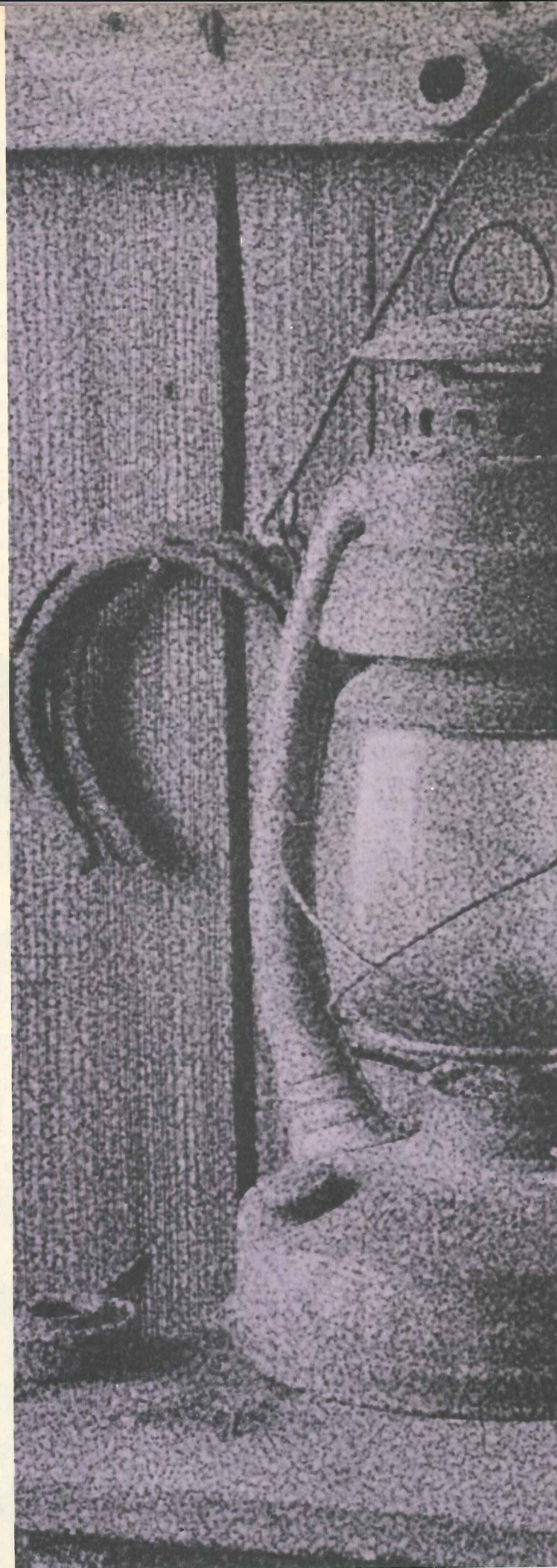
Sim, por toda a parte deve reluzir

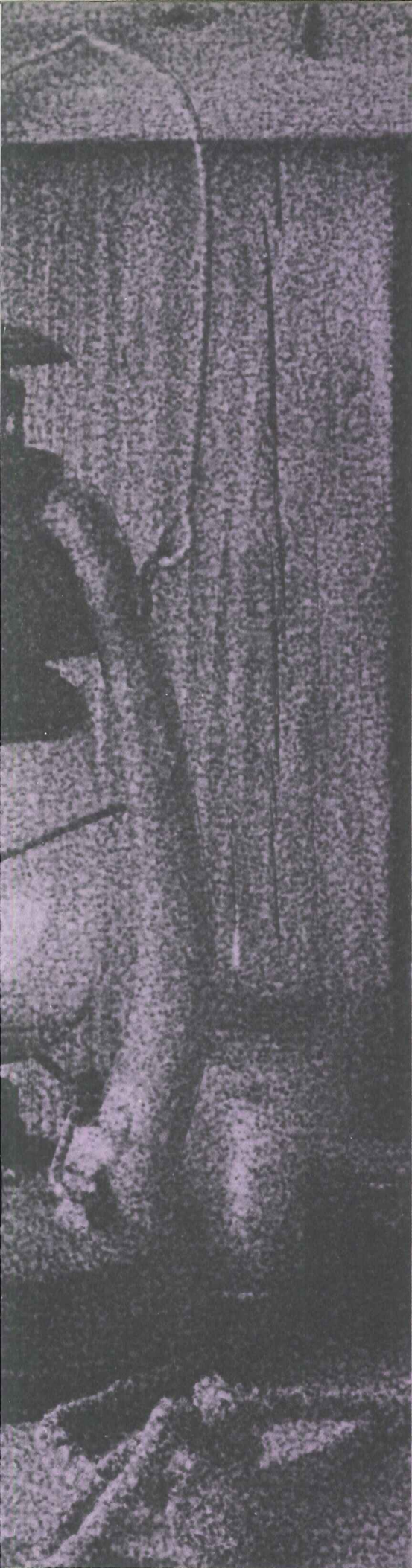
Essa luz de Jesus;

Luz que mostra aos homens como o bem seguir;

Clara luz! Grata luz! □

(G. D., 165)





tosse enfadonha

—Acácio Pereira

O primeiro charuto que adquiri, foi por engano. Depois de provar, arremessei-o fora. Eu pretendia chocolate e saiu-me tabaco. O segundo recebi-o num banquete eclesiástico. À sobremesa apresentaram charutos. Quase obrigado—pois todos os sacerdotes e o próprio arcebispo fumaram—experimentei novamente. Porém, desiludido e indisposto, decidi nunca mais fazê-lo.

Durante a vida tenho recordado dezenas de vezes a tosse enfadonha do meu ex-professor de instrução primária. Os cigarros sucediam-se uns aos outros e o vício dominara-o. Nesse tempo eu fazia parte dos alunos de sua preferência que davam uma saltada à taberna para lhe comprar onças de tabaco e caixas de fósforos. Embora de corpo robusto, ele tinha os pulmões arruinados pela nicotina. Mais tarde sofreu as consequências do vício.

Quando eu frequentava um seminário católico, li algures: “Livra-te do primeiro cigarro que eu te pouparei do vício de fumar”. Conselho ingênuo, mas de consequências benéficas.

Para quantos já transgrediram essa norma e adquiriram o vício, resta a aplicação de meios adequados para se verem livres dele. Primeiramente, afastar o cigarro de uma vez para sempre. O fumador deve encher-se de coragem, decidir hoje mesmo. Custará nos primeiros dias deixar esse hábito prejudicial, mas a vitória terá de ser forjada na têmpera dum carácter férreo e duma consagração total a Deus.

Há tempos, anotei a propósito algumas normas práticas que um médico sugeria contra o vício de fumar: tomar banhos diários com água morna; beber entre as refeições de seis a oito copos de água; privar-se de bebidas alcoólicas. Tudo para ajudar o organismo a expelir a nicotina prejudicial ao sistema nervoso e ao cérebro.

Além disso, ter tempo marcado para as refeições; dormir oito horas, especialmente, nos primeiros cinco dias; levantar-se depois de comer, respirar fundo e dar um passeio de quinze a vinte minutos.

Também evitar lugar suspeitos e pessoas que fumem. Beber pouco café e chá. Tomar sumos e vitaminas, particularmente, complexo B.

Mas, evidentemente, tudo será ineficaz sem a ajuda poderosa do Senhor. Precisamos de nova vida de oração e de comunhão com Deus. Quando dispostos a deixar o vício, o Senhor nos ajudará a sermos vencedores. A Bíblia diz: “Pedi, e recebereis” (João 16:24). Tenhamos ânimo e fortaleza no meio das tentações. O apóstolo Paulo declarou: “Em todas estas coisas, somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou” (Romanos 8:37).

As consequências de fumar são desastrosas em todos os sentidos e, por vezes, fatais. Mas é um vício dominável. Começemos já, agora, com a ajuda poderosa de Deus.

Posso todas as coisas, n'Aquele que me fortalece (Filipenses 4:13).

□

Deus deseja a nossa salvação

"Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade" (I Timóteo 2:3-4).

Deus deseja salvar a humanidade. Ele "quer que todos os homens se salvem", e tu estás incluído.

A salvação é a mensagem principal da Bíblia; o propósito da vinda de Jesus ao mundo, que expiou os nossos pecados de uma vez para sempre. Paulo confirmou-o ao escrever: "Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo" (I Timóteo 2:5-6).

O que Deus faz por nós tem uma finalidade: a nossa salvação.

A maior necessidade

A salvação é a primeira e mais urgente necessidade do homem.

Todos precisamos dos benefícios da salvação: ser livres do mal e ter comunhão com o Senhor. A salvação cura a doença da alma causada pelo pecado. É um novo começo de paz interior, integridade e felicidade. Estabelece comunhão com Deus e prepara para a vida, para a morte e para a eternidade.

A necessidade de salvação está bem vincada na Bíblia: "Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade".

Deus, nosso Salvador

Não nos podemos salvar a nós mesmos. O versículo mencionado aponta para Deus como nosso Salvador.

Foi Ele que planejou e tomou a iniciativa da nossa salvação. Teve compaixão de nós sem olhar às nossas fraquezas. Apesar de termos resistido à Sua vontade, às Suas leis e ao Seu amor, Ele continua a perdoar-nos e a resgatar-nos do pecado.

Deus quer, de modo especial, a tua salvação. Estás pronto a permitir que Ele entre na tua alma e na tua vida?

Livre decisão

Deus quer que todos os homens se salvem, mas não obriga. A provisão é para quantos desejem ser salvos. Somos livres para aceitar ou rejeitar a salvação. Mas trata-se de graça divina que não devemos recusar.

Até chegarmos "ao conhecimento da verdade" e vivermos como pessoas redimidas, permaneceremos em caminho incerto. No Novo Testamento existe diferença entre perdido e salvo. Assim como há salvação, também há condenação. Depende de nós a escolha.

Deus ama-nos e quer o nosso bem. Decidamos servi-LO voluntariamente. A salvação é um dom de Deus que satisfaz nossas ansias espirituais. Apresentemos a Deus as necessidades e preocupações que perturbam a nossa mente. Confiemos n'Ele.

A promessa de Deus

Tu podes ser salvo. Basta aproximar-te de Deus e pedir-Lhe perdão dos pecados com sincero arrependimento. Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio à terra como Mediador e para "dar a sua vida em resgate de muitos" (Marcos 10:45). Pelo Seu sacrifício na cruz, Ele pode conceder-te plena salvação: reconciliação com Deus e libertação do poder do pecado. Aproveita os benefícios que Ele te oferece.

A salvação é mais do que crer numa doutrina, é desfrutar da verdadeira vida que só Jesus pode dar. Aceita-o, hoje mesmo, como teu Senhor.

Já tens a certeza de estar salvo? Deus quer a tua salvação. É necessidade urgente.

□ —S. F. Massey

orientação certa

—Manuel B. Semedo

Há jovens que desprezam a educação chamada conservadora e os conselhos dos adultos, achando que sabem o suficiente para governar a sua vida. So-

depois de terem encalhado é que descobrem que confiaram demasiado na sua capacidade.

Consideremos: (1) Objectos estranhos anulam o sentido de orientação; (2) falha na orientação arruína vidas; (3) na zona de influência de Deus há orientação certa.

Frequentemente baleias dão à praia, mesmo nas nossas costas. Estudiosos explicam que um "objecto estranho" se aloja no cérebro e as faz perder o instinto de orientação!

De igual forma, muitos objectos estranhos têm anulado o nosso sentido de orientação:

Ideologia ateísta. Muitas vezes faz parte do próprio programa de estudo. Defende uma vida alheia de Deus, apouca a religião como coisa de fracos e frustrados, ataca a existência de Deus.

Leituras perniciosas. Na minha estante de livros há três secções: Estudo, cultura e diversão. Tenho procurado diversificar as minhas leituras. Contudo, há que tomar cuidado com aquelas que podem influenciar o nosso modo de pensar e de agir. Certas leituras criam um mundo de fantasia e ilusão; caprichos, fotonovelas baratas, romances, literatura de cordel.

Filmes violentos e indecentes. Denunciando a ênfase marcadamente comercial dos filmes, certo governo decidiu "orientar o papel do cinema no sentido de formação ideológica, cultural". Poderá silenciar-se a Igreja?

Nova moralidade. Namoro sem compromisso, intimidades antes do casamento, infidelidade conjugal, aberrações sexuais.

Há pouco tempo houve uma *falha na orientação* e um avião chocou com um cabo de alta tensão; incendiou-se sobre a pista. Dezenas de pessoas perderam a vida.

Fachada religiosa. Uma que não interfere na vida moral, nos negócios, na consciência ou na susceptibilidade de cada um.

Impiedade. Uma vida de desonestidade, hoje chamada esperteza; espírito de vingança e de ódio do indivíduo contra si próprio com ímpetos de auto-eliminação; também, contra a sociedade que o torna um revoltado.

Irreligiosidade. Na zona de influência de Deus há rumo certo! A estratégia para orientação é: Confiar em que Deus é capaz de nos guiar; entregar-Lhe a direcção das nossas vidas; seguir as Suas coordenadas.

Ele orienta com a Sua presença. Conhece todos os passos ocultos ou descobertos, todo o "desfiladeiro" perigoso e todos os "despenhadeiros" abruptos.

Ele orienta com os Seus conselhos. A Sua voz será ouvida no silêncio da meditação e a Sua vontade conhecida através da Palavra.

Confia no Senhor, entrega-Lhe a direcção da tua vida e Ele te dará uma orientação certa. □

Foto por Wallowitch



O CRISTÃO E OS PROBLEMAS MUNDIAIS

—Nancy Zumwalt

“Tive fome e não me destes de comer” (Mateus 25:42). Palavras de Cristo que condenam quantos permanecem indiferentes às tragédias da guerra e da fome que atingem milhões de pessoas em diversas partes do mundo.

O cristão compassivo vive os problemas e os sofrimentos mundiais. Mesmo que se prive de duas refeições diárias e viva reduzido ao essencial, ainda a sua oferta lhe parecerá insignificante para aliviar tanta dor.

Poderá alguém continuar interessado e obediente à chamada de Deus sem se compadecer e sentir culpado pelo que não se pode fazer? Anos vividos em campo missionário levaram-me a ponderar esta pergunta.

A Bíblia fornece orientação. Não diz que Cristo recomendou aos discípulos ir por todo o mundo e resolver os problemas de toda a gente. Estes

resultam do pecado; e o dever primordial do cristão é trazer outras pessoas a Cristo para serem perdoadas. Não se trata de negar a responsabilidade “social” do cristão, mas de estabelecer suas prioridades.

A Sagrada Escritura dirige individualmente com segurança cada cristão. Mateus 25:31-46 inclui condenação para quantos negligenciam as oportunidades de serviço (v. 40). A parábola do bom samaritano vinca o mesmo ponto. Ele enfrentou pessoalmente a escolha: ajudar o próximo ou passar adiante.

Nos noticiários ouvimos apelos constantes para ajudar e frases como: “É nosso dever; é o mínimo que podemos fazer”. Nós ficamos tristes quando não podemos auxiliar. Sentimo-nos, de certo modo, culpados por não ajudarmos a resolver todos os problemas à nossa volta, mesmo fora do nosso círculo pessoal de responsabilidade.

Em parte alguma da Bíblia somos condenados por não socorrer necessidades que desconhecemos ou encargos impostos por outras pessoas e não por Deus através do Espírito Santo.

Deus pede que correspondamos nas nossas vidas à Sua direcção e amor (João 14:21). Concedeu

o Espírito Santo para nos guiar em circunstâncias específicas e nos encorajar contra a falsidade. Embora conscientes das necessidades do mundo (Mateus 10:16), não podemos corresponder a todos os incentivos que nos são dirigidos. O Espírito Santo nos capacitará a ver até onde e de que modo Deus quer usar as nossas mãos e intelecto. Não nos envergonhemos de fazer o que o Espírito Santo ordena, seja grande ou pequeno. Ele revelar-nos-á oportunidades de “fazer o bem” (Actos 10:38) e com amor (I Coríntios 13).

Se todos nós cumprirmos aquilo que o Senhor deseja, o pecado perderá a sua influência em muitos lares, as pessoas serão transformadas, as tragédias desaparecerão e veremos a mão de Deus a actuar.

Deixemos a Deus a escolha das nossas prioridades. Isto inclui a possibilidade de dizer não a algumas causas boas ou a exigências do nosso tempo. Também pode significar dizer sim e abrir-nos a outros com necessidades, os quais na sua condição deprimente são até capazes de nos criticar e ferir.

Desta angústia e do envolvimento íntimo, virão o crescimento cristão, a compreensão, a consciência e uma fé mais profunda. Também haverá mais receptividade aos apelos do Espírito Santo em curar feridas e evitar tragédias onde Ele preparou o caminho e deseja a nossa ajuda.

O sentimento de culpa não deveria vir de fora. Quando é genuína, resultará de uma relação com Deus desfeita, ou de uma falha em seguir a Sua orientação.

O cristão interessado trabalhará pelo próximo—activa, produtiva e amorosamente. Os seus passos serão guiados pelo Espírito Santo. Tornar-se-á, cada vez mais, à semelhança de Cristo. Não se sentirá culpado por não poder fazer tudo. Com paz interior, ele andarà diariamente e servirá quem quer que seja, onde o Senhor o guiar e em quaisquer circunstâncias. Se Deus não o condena, você não peque condenando-se a si próprio! □

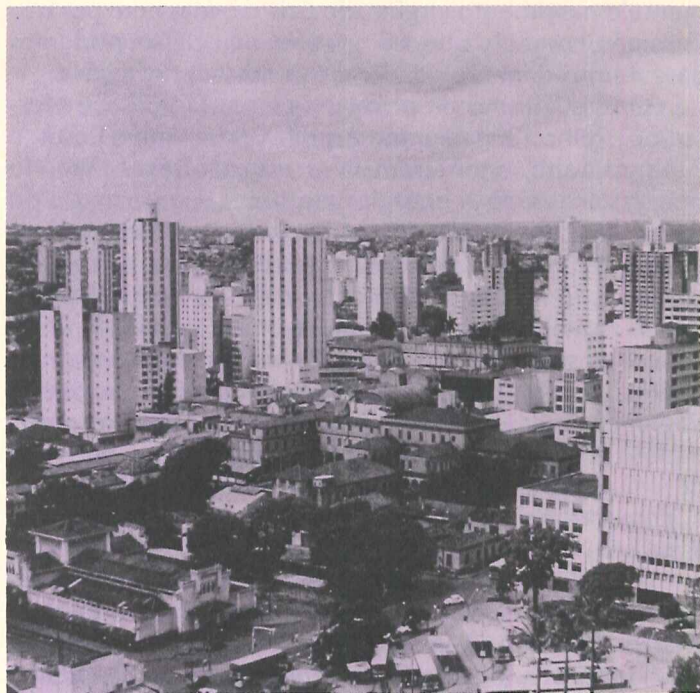
O DÍZIMO É PARA HOJE

—Earl C. Wolf

3



UM PRINCÍPIO BÁSICO



Em Gênesis, primeiro livro da Bíblia, notamos que o dízimo, bem como guardar o dia do Senhor, são mais antigos que a lei. É primeiro mencionado quando Abraão dá os dízimos a Melquisedeque, sacerdote do Deus altíssimo (Gênesis 14:18-20). Aqui o dízimo de Abraão é mais um exemplo de fidelidade que uma ilustração de algo que ele era obrigado por lei a fazer. Lemos novamente acerca do dízimo quando Jacó, grato pela ajuda divina, prometeu dar a Deus dez por cento do que ganhasse (28:20-22).

Séculos mais tarde desenvolveu-se um sistema elaborado de dízimos e ofertas como parte da lei mosaica.

Sob a lei, os antigos hebreus ultrapassavam o dízimo; pagavam dízimos. Primeiramente, havia o dízimo para sustentar os levitas (Números 18:20-32; Levítico 27:30-32). Depois, o segundo dízimo, ou o dízimo festivo, era para pagar as despesas de transporte e de comida dos adoradores que assistiam às grandes solenidades judaicas (Deuteronômio 12:5-19; 14:22-27). Finalmente, o terceiro dízimo, ou dízimo de caridade, era dado de três em três anos para auxiliar os pobres.

Com dois dízimos anuais e um terceiro de três em três anos, os hebreus devotos davam um mínimo de 23 por cento do seu rendimento. Em Malaquias o povo de Israel era exortado a não roubar a Deus os “dízimos e ofertas” (3:8). Parece que os judeus conscienciosos davam cerca de 30 por cento para apoio à sua fé religiosa e à comunidade.

Malaquias, o último dos profetas do Velho Testamento, confirmou em letras gordas a lei do dízimo (3:8-10). Não restam dúvidas, pois, que a nota dominante do Velho Testamento é que “o dízimo... é do Senhor” (Levítico 27:30, 31-33).

O DÍZIMO NO NOVO TESTAMENTO

Embora o dízimo se encontre claramente mencionado no Velho Testamento, é difícil descobrir algures no Novo Testamento ensino exacto sobre ele. Apesar de um sexto de todas as palavras conhecidas de Jesus se referirem ao emprego do dinheiro, nenhuma delas estabelece *explicitamente* que o dízimo seja o princípio de dar prescrito para os cristãos do Novo Testamento.

Apenas em duas ocasiões Jesus mencionou o dízimo. Acha-se a primeira na parábola do publicano e do fariseu em que o Mestre descreve o orgulho do último, ao declarar: “Dou os dízimos de tudo quanto possuo” (Lucas 18:12). Nesta narração, porém, não é o fariseu dador do dízimo, cumpridor minucioso da lei, mas o publicano—um pecador—que “desceu justificado para sua casa” (v. 14). Aqui, a ênfase da parábola situa-se na humildade e na confissão da necessidade. Jesus declarou que nem a oração nem o dízimo, como formalidade, podiam substituir a humildade e a confissão sincera.

Na segunda ocasião, encontramos Jesus a denunciar os fariseus (Mateus 23:23; Lucas 11:42). Mas nesta passagem Ele não procurou vincar o dízimo como princípio de ofertar para os cristãos do Novo Testamento. Usou-o como ilustração de que os fariseus dão atenção cuidadosa a certos pormenores da lei, enquanto falham perante as suas obrigações morais: justiça, compaixão, fé. Quando Jesus disse, “Importa fazer estas coisas”, muitos estudiosos da Bíblia crêem que Ele se referia à justiça, à compaixão e à fé. “Ai de vós, fariseus, que dizímais a hortelã, e a arruda, e toda a hortaliza, e desprezais o juízo e o amor de Deus. Importava fazer estas coisas, e não deixar as outras” (Lucas 11:42). O Mestre não condenou a prática de dizimar as ervas do quintal—hortelã, arruda, cominho. Mas declarou que a observância escrupulosa de dar o dízimo nunca substituiria as obrigações mais importantes da lei.

Em ambos os incidentes, Jesus procurou focar mais as falhas dos fariseus *sob a lei*, do que apresentar normas para os cristãos *sob a graça*. Forçar a exegese destas passagens para se obterem textos comprovativos do dízimo, como princípio do Novo Testamento, não é correcto nem útil. Existem bases mais seguras para o dízimo que exegeses duvidosas.

Embora Jesus mencionasse duas vezes o dízimo, Paulo nada diz acerca do assunto—como é o caso dos outros apóstolos. Paulo escreveu várias vezes sobre a mordomia. T. K. Thompson declara: “Foi nos ensinamentos de Paulo que a mordomia cristã se destacou na tradição bíblica”. O Apóstolo foi grande defensor de dar proporcionalmente. Ugiu os cristãos do seu tempo a darem regularmente (semanalmente) de acordo com a sua prosperidade (I Coríntios 16:2). Nós desejaríamos “ler” nestes conselhos uma palavra sólida a favor do dízimo. Mas, para isso, forçaríamos Paulo a declarar mais do que disse na realidade.

Em II Coríntios 9:6-15 deparamos com as “normas de dar” estabelecidas por Paulo. No entanto, em vão procuraremos encontrar uma palavra sobre o dízimo. Certamente o Apóstolo reconhecia que o dízimo estava profundamente enraizado na fé histórica e na doutrina do Judaísmo. Ele tratou da oferta *adicional* do cristão do Novo Testamento que não se encontra *sob a lei* mas *sob a graça*.

No livro de Hebreus há uma referência ao dízimo (7:4-9). Mas trata-se dum acontecimento do Velho Testamento (Gênesis 14:20) e constitui parte dum longo argumento sobre o sumo sacerdócio de Cristo. É uma passagem acerca de Jesus. Não busquemos nela argumento decisivo para os cristãos do Novo Testamento darem seus dízimos ao Senhor. No entanto, esta passagem de Hebreus parece sugerir que o mínimo de dar o dízimo estava associado à prática de ofertar do Novo Testamento. Para os cristãos desse tempo, a prática de dízimar viera por transição, da sua herança do Judaísmo. Além disso, a referência parece indicar que os cristãos tinham maior obrigação de dar o dízimo a Cristo do que Abraão a Melquisedeque.

QUE CONCLUÍREMOS?

Que o Velho Testamento ensina a dar o dízimo e o Novo Testamento apenas a ofertar proporcionalmente? Não nos atrevemos a isso—pelo menos por cinco razões.

1. Lembremo-nos que Jesus disse: “Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir” (Mateus 5:17). O Dr. Hugh C. Benner escreve:

Portanto, se o dízimo representa a mínima responsabilidade financeira para com Deus *sob a lei*, certamente *sob a graça* não será inferior. Se no tempo do Velho Testamento não dar dízimo era considerado roubar a Deus, não o será menos *sob a graça*. Além disso, se o dízimo constituía *sob a lei* a base de bênção espiritual, certamente não o será menos à luz da dispensação cristã. Assim, estejamos certos que dízimar tem o apoio total do sentido de obrigação para com

Deus por parte da humanidade, das Escrituras do Velho Testamento, da doutrina de Cristo e do pensamento e prática do Novo Testamento.

Uma vez que os escribas e fariseus eram dizimistas, vêm a propósito as palavras de Jesus: “Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus” (Mateus 5:20). Este versículo esclarece que Jesus não diminuiu as nossas obrigações morais, mas elevou-as. Ele não podia exigir menos aos cristãos do Novo Testamento.

2. Além disso, não devemos omitir o ensino através do exemplo. Sem dúvida que Jesus, Pedro, Tiago, João e Paulo davam dízimo de acordo com a prática de ofertar estabelecida pelo Judaísmo, a crença religiosa em que eles foram educados. Se Jesus ou os discípulos tivessem falhado em dízimar, teriam sido alvos de críticas severas. Eles foram acusados de transgredir outras leis, como a de trabalhar em dia de sábado (Mateus 12:1-2). Por conseguinte, a falta em dar o dízimo nunca teria escapado aos olhos dos seus inimigos.

3. A ausência de doutrina explícita sobre o dízimo não é motivo para se concluir que Jesus ou Paulo não o aceitassem. O Apóstolo também não ensina explicitamente o nascimento virginal de Cristo—mas nem por isso ousamos concluir que não cresse nele. Não podemos basear simplesmente no silêncio as nossas convicções.

O Cristianismo desenvolveu-se na tradição de ofertar do Velho Testamento. Aqueles para quem Jesus e Paulo falavam, conheciam bem essa tradição. Mais do que gastar tempo e energias em práticas e verdades do Velho Testamento, familiares aos seus ouvintes, Jesus e Paulo preferiram tratar das características do novo concerto, apresentar os fundamentos da fé do Novo Israel.

4. A maior instrução sobre a oferta cristã encontra-se nos ensinamentos de Jesus e de Paulo. Ambos elevaram os limites da oferta mínima, até atingir o nível de dádiva liberal e com alegria (II Coríntios 9:6-7). O ensino central da lei do dízimo encontra-se desenvolvido no conceito de amor generoso proclamado pelo Novo Testamento. E, com certeza, as exigências do amor são maiores que as da lei.

5. Todas as razões para a prática do dízimo respeitante aos hebreus do Velho Testamento vigoram para os cristãos do Novo. A comunidade judaica recebeu múltiplas bênçãos do cuidado amoroso de Deus. O mesmo acontecerá hoje conosco. Como Paulo declarou, nós somos os recipientes do “dom inefável” de Deus, ou “graças a Deus, pois, por essa inefável generosidade” (II Coríntios 9:15, Phillips).

A necessidade de compartilhar o amor divino é maior hoje que nunca. Basta basear-nos na população. Calcula-se que no tempo de Jesus existiam na terra 250 milhões de pessoas. Na década de setenta chegámos aos quatro biliões. Um relatório das Nações Unidas prediz para o ano 2035 uma população de oito biliões. À luz da Grande Comissão e das necessidades esmagadoras do nosso mundo, ousará o cristão do Novo Testamento dar menos do que o hebreu dedicado *sob o antigo pacto*? □



DEUS OU MAMOM?

—Adalberto Leite

Foto por José Pacheco

Com a vitória de Jesus sobre a morte, todos os deuses pagãos foram destronados de seus altares. Quando Cristo ocupa o trono da vida do crente, os deuses do “EGO” são expulsos. O fabricante de tais divindades—a avareza, o ciúme, a inveja, o mau gênio—só vem a roubar, a matar e a destruir. Jesus veio para dar vida abundante (João 10:10).

Deus ou Mamom? Não podeis servir a ambos (Mateus 6:24). O homem que tentar servir a dois senhores ao mesmo tempo transformar-se-á na criatura mais miserável deste mundo. O apóstolo Paulo disse: “Acho, então, esta lei em mim: que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Miserável homem que eu sou!” (Romanos 7:21, 24). A Bíblia diz textualmente: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque, ou há-de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro” (Mateus 6:24).

O pior é quando o homem se torna escravo de Mamom! Chamou-se “louco” ao rico insensato por depositar sua confiança nas coisas deste mundo. Foi sentenciado: “Esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?” (Lucas 12:20). A insensatez da avareza é apontada por Cristo co-

mo um deus exigente. O rico avarento acabou por desprezar ao Senhor, amando Mamom. O Salmista escreveu: “Uns confiam em carros e outros em cavalos (*mamom*), mas nós faremos menção do Senhor nosso Deus. Uns encurvam-se e caem, mas nós nos levantamos e estamos de pé” (Salmo 20:7-8).

O crente deve ter cuidado para não cair nas malhas de Mamom, dinheiro ou riquezas. Deve dar prioridade a Deus (Mateus 6:33) e usar as coisas materiais como meios que Deus oferece para a vida. Estes meios deviam ser bênçãos para o crente, usando-os ele a favor do próximo e da Igreja de Jesus Cristo. As riquezas devem ser utilizadas pelo cristão como servo, para suas necessidades pessoais e sociais; não como um deus que cega o entendimento de muitos.

Graças ao Senhor, a Igreja de Cristo tem ajudado homens e mulheres a deporem no altar a sua aspiração: “Ó Pai Celeste, dá-me saúde de alma e corpo. Abençoa meu trabalho para que de Ti obtenha meios suficientes para viver e, com eles, ajudar o próximo e a Igreja. Livra-me, Te peço, de amar as riquezas, o dinheiro. A Ti, somente, quero ter como Deus, Senhor e Rei. Amém.” □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

Mateus 13:38

CAMP É MUNDO

RETIRO ANUAL DE PASTORES BRASILEIROS

—H. Fern Bunch

O Distrito Sudeste da Igreja do Nazareno do Brasil realizou de 3 a 7 de Novembro de 1980, em Brasília, o seu Sexto Retiro Anual para pastores e esposas. Reuniram-se na capital, com feição de beleza clássica, os pastores e respectivas esposas. O propósito sincero de todos foi o de se fortalecerem espiritualmente para propagarem o Evangelho por todas as partes do Brasil e do mundo.

O Rev. Joaquim Lima, superintendente do distrito e dirigente do retiro, convidou os pastores vizinhos do Distrito (Pioneiro) Sul do Brasil. Houve um total de 55 participantes.

O tema focou "Um Ministério Consciente". Falaram vários pastores do Distrito Sudeste que têm obtido êxito especial em certas áreas do seu ministério. A apresentação deu ênfase ao evangelismo em massa e ao culto devocional de domingo de manhã, atraindo pessoas dentro do âmbito da igreja local e concretizando



Participantes do Sexto Retiro.



Os obreiros reunidos na capital do Brasil visitaram as obras do templo nazareno em Asa Norte.



Passeio turístico pela cidade.

o nosso lema distintivo como igreja de santidade.

Algumas tardes foram dedicadas ao turismo em Brasília, chamada a Cidade da Esperança. Visitamos em grupo a Assembleia Nacional em sessão, a residência oficial do Presidente da República e outros lugares de interesse.

Ao visitar as nossas igrejas da capital e dos arredores, sentimos-nos mais enriquecidos e unidos.

Do coração do Brasil regressamos ao nosso lugar de responsabilidade cientes do positivo e dinâmico privilégio de sermos um n'Ele e de pertencermos à Igreja do Nazareno. □

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.

✓ **Explique, por favor, I Timóteo 3:8—“Não dados a muito vinho”. Num artigo, Paul Culbertson aponta este versículo como parte do critério em escolher pessoas para as juntas de igreja.**

A nossa posição é dos crentes se absterem por completo de bebidas alcoólicas. Também é a de Clarke e de outros estudiosos da Bíblia.

Eu sinto-me feliz com a nossa regra de “abstenção total”, mas não concordo com aqueles que procuram basear-se na história da igreja e no Novo Testamento. A nossa posição provém da cultura e das convicções de certos líderes de santidade no período de fundação da nossa Igreja. Porém, “a abstenção total” não pode ser provada pelas Escrituras. Ninguém tem sido mais dedicado e mais zeloso defensor da santidade que João Wesley, o qual não defendeu a abstenção total, embora fosse forte oponente da bebedeira. Está você certo que Clarke defende a abstenção total de bebidas alcoólicas? Eu não encontro isso nos seus comentários.

Mas, a fim de não pensar que me oponho à nossa regra, apresento-lhe o caso de outra forma. A Bíblia não proíbe a escravatura, mas hoje a minha consciência cristã fá-lo. Também a Escritura não apela para a “abstenção total” de bebidas alcoólicas, mas a minha consciência, sim. A honestidade obriga-me, entretanto, a não forçar as minhas convicções às Escrituras e a todos os cristãos. Quanto a Culbertson, ele não defendeu o uso moderado de bebidas alcoólicas. Simplesmente, empregou a declaração bíblica dentro do seu contexto. No artigo, o seu ponto de vista é lógico: “Se os candidatos não se classificam no lar—não servirão”. Sob as nossas regras actuais da igreja, a pessoa que toma bebidas alcoólicas em casa, mesmo moderadamente, não pode ser eleita para a junta.

✓ **Pelo que tenho lido na revista acerca de alguns escritores de santidade, eles crêem que recebemos o Espírito Santo no coração quando nos convertemos.**

Explique-me, por favor, João 14:7, que diz: “Vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós”.

Durante anos aprendi dum pastor de santidade que Jesus está conosco quando somos salvos e está dentro de nós quando santificados. Como pode o Espírito Santo habitar no coração não liberto da carnalidade? E como pode Ele estar dividido—se só recebemos parte d’Ele quando somos salvos e a outra parte quando santificados? Agradecia uma resposta.

Romanos 8:9-17 esclarece que todos que são de Cristo, são filhos de Deus, têm o Espírito Santo habitando neles. Mas nem todos que têm o Espírito, possuem a Sua plenitude, a inteira santificação. Isto não significa que “recebemos apenas parte d’Ele” quando nos convertemos. O problema é precisamente o contrário. Até o pecado e o egoísmo serem limpos da nossa alma, Ele possui só parte de nós.

Surge certa confusão se pensarmos que *com* e *em* significam fora e dentro. O grego diz: “Ele permanece convosco e estará em vós”. Jesus foi para o Pai, mas o Espírito ficaria com e neles como Consolador. De acordo com o contexto, Jesus explicou: Eu vou, mas Ele ficará, habitando em vós para sempre.

O Espírito Santo está conosco e em nós desde o princípio da experiência cristã: como regenerador, a Fonte do nosso novo nascimento; como santificador, a Fonte da nossa santidade.

✓ **Há quem diga que Satanás não lê os nossos pensamentos, nem conhece os nossos propósitos e desejos sem nós os revelarmos verbalmente. Podia dar-me a sua opinião?**

Não sei até que ponto Satanás poderá conhecer nossos pensamentos. Facilmente cairemos em opinião demasiado elevada ou baixa a seu respeito. Algumas pessoas têm a faculdade de ler o que vai no pensamento dos outros. Satanás, provavelmente, é tão inteligente como nós. Em certos casais, a esposa sabe o que o marido pensa sem ele pronunciar qualquer palavra. A esposa conhece-o melhor que a outros seres humanos.

Por vezes, atribuímos qualidades a Satanás que só a Deus pertencem. A Bíblia diz a seu respeito que ele é astuto e poderoso, mas também esclarece que é limitado. Está sujeito à soberania de Deus. Como Martinho Lutero declarou: “Ele é o demónio de Deus”.

O Senhor lê os nossos pensamentos mesmo antes de se converterem em palavras ou os expressarmos verbalmente (João 2:25; Romanos 2:15-16; Hebreus 4:12-13). Adoptemos a súplica do Salmo 19:14—“Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, Rocha minha e Libertador meu!” Se as nossas palavras e pensamentos forem aceites diante de Deus, não importa que Satanás os conheça ou não. □

SABIA?

A Casa Nazarena de Publicações
pode fornecer—livros—música—discos—
material para Escolas Dominicais.
Escreva-nos.
Teremos gosto em servi-lo.

PEÇA CATÁLOGO GRÁTIS.

